

V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura
27 a 29 de maio de 2009
Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

CULTURA, IDENTIDADE E PLANEJAMENTO TURÍSTICO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O MUNICÍPIO DE VALENÇA.

Fernanda Meneses de Miranda Castro¹

Resumo

Este trabalho analisou a importância da cultura e da identidade para o desenvolvimento do turismo do município de Valença- Bahia. Através de uma discussão sobre a importância cultura, identidade e turismo foi realizada uma análise da proposta de planejamento traçada para o município em questão através de pesquisas secundárias com dados da Secretaria de Turismo. Os resultados apontaram que as ações propostas pelo planejamento turístico de Valença não consideraram efetivamente a identidade dos residentes na construção do planejamento turístico. Este resultado evidencia a utilização de ações inadequadas e a falta de compreensão dos indivíduos sobre a importância da participação. Conclui que a estruturação do turismo baseada na participação e integração dos agentes pode trazer resultados mais efetivos e condizentes com a realidade da região.

Palavras-chave: cultura, identidade, turismo, Valença-Bahia.

1. Introdução

Um lugar, o conhecimento da sua origem e sua trajetória são os pontos de partida para a compreensão do presente, não apenas como documentação e memória, mas também como pressuposto básico para a existência de identidade entre um povo e a localidade onde ela reside. O reconhecimento dos valores culturais e históricos de um município é um eficiente método para a restauração da auto-estima de seu povo, para o orgulho de pertencer a uma determinada localidade.

O Sul da Bahia, no Nordeste do Brasil, um dos lugares turísticos mais promovidos do país, encanta o turista por seu abundante patrimônio natural, que percorre desde a aridez da caatinga até as praias cercadas pela Mata Atlântica remanescente. A relação do homem com o território que ele constrói e habita é consequência da sua cultura local, uma mistura de etnias indígena, negra e branca.

¹ Faculdade de Sergipe (ferdicastro@terra.com.br)

Lugar de onde se originou o Brasil, o Sul da Bahia é um paradoxo, seduzindo e chocando quem o visita, pois está situado numa região, aqui entendida como “um conjunto de área onde há o domínio de determinadas características que distingue aquela área das demais” (GOMES, 1995 p.53), com graves problemas sócio-econômicos, com um histórico de uma sociedade orientada pelos acontecimentos políticos.

O município de Valença é o ponto central deste estudo. Este município apresenta algumas dificuldades para o desenvolvimento turístico. Atualmente, é utilizado, majoritariamente, como passagem de turistas em direção ao Morro de São Paulo, em Cairú, funcionando como “corredor turístico”. O pouco aproveitamento dos recursos culturais e naturais, o descuido com o meio ambiente, a dificuldade de recursos para obras de infra-estrutura, a carência de mão de obra qualificada e a falta de conscientização da população, entre outros, são fatores que representam problemas e aguardam soluções. Os residentes deste município não interagem com o processo de desenvolvimento turístico e não despertaram para o fato de que este processo deve ser construído por eles, pela sua iniciativa de atuação e vontade de melhorar a sua vida.

Tendo em vista a importância deste tema para o desenvolvimento do turismo, impõe-se a necessidade de investigar quais relações se estabelecem entre a identidade histórica e cultural e o planejamento turístico traçado para município de Valença – Bahia.

Destarte, o presente trabalho procurou caracterizar a ligação entre a identidade e memória do município de Valença – Bahia com o planejamento turismo traçado para o município, através de uma discussão sobre a importância da identidade para a construção do planejamento turístico de um município. Além disso, foi realizada uma análise da atual proposta de planejamento traçada para o município em questão através de pesquisas em dados secundários disponibilizados pela secretaria de turismo do município e de entrevistas com membros da secretaria.

Acredita-se que a importância desta pesquisa relaciona-se ao fato que a população residente (principalmente a autóctone) configura-se como produto turístico, principalmente, no estado da Bahia. Os turistas viajam para conhecer, além da Bahia, os baianos e o seu comportamento social. Há uma latente necessidade de conscientização, tanto da população, quanto dos gestores do turismo, para a importância da relação entre a identidade e o planejamento turístico dentro do desenvolvimento da atividade.

2. Cultura, Identidade e Turismo

Atualmente a problemática da cultura é um eixo de discussão consagrado, que além de retratar um encaminhamento teórico no campo das ciências sociais aplicadas, reagrupa os anseios classicamente vinculados á cultura a uma fonte de preocupação mais recente em torno do tema identidade. Essa orientação teórica refere-se ao entendimento de que a vivência social é sempre simbolicamente mediada (pelas manifestações artísticas em geral, pelo discurso, etc.), de modo que se pode dizer que tal vivência é culturalmente construída e, também, interage complexamente com os diversos lugares e experiências onde se situam ou por onde circulam os atores sociais, dando sentido, direção ou até mesmo questionando-os a seus pertencimentos e ações. O interesse pela identidade, que vem agregar ao filão comumente conceituado pelo termo “cultura”, corresponde ao entendimento dos atores que seu lugar no mundo passa por investimentos simbólicos pelos quais eles se afirmam e negociam com outros sua forma de inserção na comunidade.

O termo cultura é um conceito polêmico, ampliado e transformado ao longo de décadas por antropólogos, sociólogos, historiadores e intelectuais em geral. A noção de cultura é constante alvo de discussões e re-elaborações, gerando dificuldades e imprecisões.

Dessa forma, em torno do significado do termo cultura, formou-se um amplo conjunto de interesses, que inclui além da sociologia e antropologia, áreas classicamente dedicadas ao tema, estudos de comunicação, ciência política, geografia, economia e turismo. Daí a abundância de conceitos atribuídos á palavra e, também, a reconhecida escassez de consensos quanto ao que ela significa. (OLIVEIRA, 2002, p. 25).

De acordo com Meneses (1986, p. 89), Alfred Kroeber e Clyde Kluckhohn cadastraram, na década de 50, mais de uma centena de definições do conceito de cultura. Um deles, a define como “[...] um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções – para governar o comportamento” Geertz (1989, p.56).

Neste tratado, consideramos a definição de cultura de Santos (1994, p.44-45), segundo a qual

A cultura é um produto da história de cada sociedade, é uma dimensão do processo social, da vida em sociedade. Não diz respeito apenas a um conjunto de práticas e concepções ou apenas uma parte da vida social, independente da mesma. Ou seja, cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social.

Para Warnier (2000, p. 16), “[...] Toda a cultura é fator de identificação pelos grupos e pelos indivíduos e de diferenciação em relação aos outros, sendo as orientações dos atores uns em relação aos outros e em relação aos lugares vizinhos”.

Esta identificação e a diferenciação são enfatizadas por Martins (2003, p. 42), como identidade, que seria “o sentido de pertencer que as pessoas trazem enquanto seres simbólicos que são. Esse ser de algum lugar pertence a algum grupo, sente afinidade com algo que lhe resgata algo seu”.

Uma perspectiva contemporânea ressaltada por Raymond Williams (WILLIAMS, 1992) em seus estudos de sociologia da cultura definida como “convergência de interesses e métodos muito diversos”, vem constituindo, através dos múltiplos sentidos atribuídos à palavra cultura, um ramo da sociologia geral denominado de Estudos Culturais. Os Estudos Culturais embora interessados no conjunto de sistemas de significações atuantes na sociedade concentram-se nas “práticas e produções culturais manifestas” requerendo, na sua abordagem global, “novos tipos de análise social de instituições e formações especificamente culturais, e o estudo das relações concretas entre estas e os meios materiais de produção cultural, por um lado, e, por outro, as formas culturais concretas” (WILLIAMS, 1992, p. 14).

Ao longo do tempo, os Estudos Culturais foram agrupando novos debates na pauta de suas pesquisas. A partir dos anos 80, por exemplo, questões como desigualdades de gênero, raça ou etnia ocuparam grande destaque nas pesquisas destes estudos, sendo Stuart Hall um dos mais importantes teóricos a considerar sobre esses temas, especialmente associando-os à problemática da construção da identidade.

Atualmente a problemática da identidade é um conceito em voga, especialmente da existência de uma possível “crise”, tanto do sujeito quanto da própria noção de identidade. O concreto é que se tem formatado uma transformação da concepção de identidade e de sujeito, talvez uma resposta às próprias mudanças pelas quais a sociedade tem passado, desde o advento do que se chama de modernidade tardia.

Àquela concepção de identidade essencialista, associada ao pensamento cartesiano de sujeito, centrado e único, contesta-se uma nova ótica de que a identidade é algo em construção, móvel, histórica, em permanente processo de formação, resultante de um entendimento de sujeito fragmentado, construído nas relações e nas interações sociais. O que Stuart Hall (2000) argumenta é que

um tipo de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de

classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, 2000 p. 9).

Entretanto, tal mudança pode ser uma resposta das próprias sociedades modernas, que são caracterizadas principalmente por sua dinamicidade. Nesse sentido, se as concepções de sujeito mudam, pode-se imaginar que elas têm uma historicidade, ou seja, dizem respeito a um momento particular, a um contexto histórico.

Para Hall (2000), a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Ainda segundo Hall, a representação é um sistema de significado, um traço visível, exterior, que incorpora características de indeterminação, instabilidade e ambigüidade atribuídos à linguagem. Assim, identidade e diferença adquirem sentido por meio da representação. Uma relação entre identidade e representação é feita também por Kathryn Woodward (1997), que considera que os símbolos produzidos pelas representações dão sentido à experiência e àquilo que somos. Sendo assim, a autora coloca que “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade (...)” (WOODWARD, KATHRYN, 1997, In: SILVA, 2006, p. 18).

Uma outra vertente em desenvolvimento desde meados do século passado é a formação da idéia de hibridismo cultural, tratada por Néstor García Canclini na obra *Culturas Híbridas* (2000). Para Canclini, o termo hibridismo cultural é uma mescla de culturas estabelecidas nas relações sociais em regiões fronteiriças, possibilitando o acesso de tecnologias que permitem o uso de bens culturais antes restritos a uma parcela da população e atualmente utilizadas pelas classes populares.

Para o turismo este hibridismo cultural é um tema constantemente em voga, pois sustenta e justifica o comportamento das pessoas que fazem turismo: a comunidade receptora, o trade turístico e os turistas. Estudos referentes à cultura, história e principalmente identidade de um povo não podem se desvincular do desenvolvimento turístico de uma região, pois a tendência à homogeneização dos espaços pelo fenômeno da globalização faz surgir nas sociedades pós-modernas a fascinação pela diferença e a conseqüente valorização do local. A procura por destinos turísticos exóticos revela a mercantilização da etnia e da alteridade, da venda do espaço e da cultura do “outro”

para o “eu” (HALL, 2000). Assim, o grau de diferenciação desses locais passa a determinar sua atratividade e valor de mercado.

Portanto, as características específicas de cada localidade, manifestadas principalmente através dos seus aspectos culturais, representados pelo seu patrimônio, história, identidade e representações são os principais atrativos turísticos que o município pode oferecer, pois são o que o diferenciam dos demais.

Na perspectiva das tradições, as comunidades locais e seus modos de vida particulares têm sido foco de pesquisas e possibilidades de preservação. É comum vermos a própria comunidade tornar-se patrimônio a ser preservado. A UNESCO enfatiza o sentido atribuído aos valores humanos com suas produções e, atualmente, estimula as instituições a cuidarem desse aspecto como um repertório de cultura, na medida em que esse é passado de geração para geração, especialmente através da oralidade (SANTOS OLIVEIRA, 2005, p. 45).

A herança cultural é resultado de uma fonte de significado e experiência de um povo. De acordo com Calhoun *apud* Castells:

Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas, ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida... O autoconhecimento - invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros (CALHOUN *apud* CASTELLS, 2002, p. 22).

Outrossim, Pollak (1989, p. 4) afirma que uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, ao definir o que é comum a um grupo e o que diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais. Ou seja, a memória pode unir um povo por apresentar a ele uma origem comum, estabelecendo laços identitários a determinados grupos sociais, que estão vinculados a um passado comum. Uma memória compartilhada reforça a coesão social, formando uma comunidade efetiva.

Ainda segundo este autor,

Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto pelos processos e atores que intevêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias (POLLAK, 1989, p. 4).

A memória também pode ser considerada uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado, numa tentativa de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades. Ainda segundo Pollak (1989,

p. 9) a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis.

A história representa a construção do passado de uma sociedade que não pode ser contestada, apenas aceita. A memória, no entanto, refere-se à identificação do indivíduo com este passado comum, está muito mais ligada às aspirações que as pessoas têm e com o imaginário construído em suas mentes. Não se pode deixar de enfatizar a importância da história nas construções identitárias, pois ela é considerada, por alguns autores como a memória transformada por sua passagem em história, com a exceção da falta de espontaneidade da primeira. A afirmativa mais coerente é que “a necessidade de memória é uma necessidade da história”. (NORA, 1993, p. 14).

A identidade individual e o sentimento de grupo também podem estar associados à memória coletiva. Segundo Canclini (2000),

Ter uma identidade seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma entidade em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável...Quando se ocupa um território o primeiro ato é apropriar-se de suas terras, seus frutos, minerais, e é claro, dos corpos da sua gente, ou ao menos do produto de sua força de trabalho... (CANCLINI, 2000, p. 190).

Pertencer a um mesmo território significa compartilhar regras, normas de comportamento, linguagens, vestuários, ritos que delimitam o acesso ao grupo. Os integrantes de determinado grupo têm conferido através destas definições unidade e identidade. Castells (2002, p. 23) defende que a identidade constitui fontes de significado para os atores sociais, por eles originadas e construídas por meio de um processo de individualização. Elas organizam significados, sendo que significado é uma identificação simbólica por parte de um ator social, da finalidade praticada por tal ator. Ou seja, o homem tem consciência do grupo, família, comunidade a qual pertence. Isso é a visão de identidade que é característica dele. Portanto, pode-se conceituar identidade como a referência do homem a pertencer a determinado grupo pelo desempenho de papéis, mediante os quais se relaciona.

Outrossim, o conhecimento da sua origem e sua trajetória são os pontos de partida para a compreensão do presente, não apenas como documentação e memória, mas também como pressuposto básico para a existência de identidade entre um povo e a localidade onde ela reside. O reconhecimento dos valores culturais e históricos de um município é um eficiente método para a restauração da auto-estima de seu povo, para o orgulho de pertencer a uma determinada localidade.

A identidade pode ser conceituada como (CASTELLS, 2002, p. 22) a fonte de significado e experiência de um povo; o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados que prevalecem sobre outras fontes de significado. Portanto, a identidade turística de um município pode ser estabelecida através da memória a qual seu povo se identifica e propaga às sociedades.

Sob a ótica pós-moderna, a identidade pode ser concebida como algo móvel, em permanente construção a partir da influência do “outro” no ambiente social do “eu”. No caso do turismo, as relações sociais entre os turistas e os autóctones podem desencadear contradições, gerar curiosidades e tensões que podem culminar num movimento rumo à aculturação ou ao fortalecimento da identidade local (GALLERO, 2004).

Hall (2000, p. 9) afirma que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. A identidade constrói-se a partir do desigual, a partir da presença do outro. A união entre os iguais é indissociável da repulsa diante daqueles considerados estrangeiros. A consciência de pertencimento a um dado grupo é adquirida pela consciência das diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecer fronteiras étnicas e fortalecer a identidade local (GALLERO, 2004).

Em relação ao turismo, de qualquer ângulo que se trate, se fortalece a compreensão de que em qualquer de suas vertentes, é uma atividade fundamentalmente de interação entre as pessoas. E o agente social principal da atividade, sem dúvidas, é o turista. O seu deslocamento provoca um movimento de outros agentes sociais em distintos nichos da sociedade, provocando mudanças culturais, políticas, econômicas e sociais. Essa intensificação de intercâmbios sociais causadas pelo turismo faz com que esta atividade se torne um dos principais causadores de mudança no mundo atual. E esta característica, ainda carente de estudos na atividade, é o que transforma o turismo um objeto de estudo fundamental nas ciências sociais.

Um dos temas mais relevantes é a ênfase exagerada sobre os benefícios econômicos, trazidos pelo turismo em detrimento dos aspectos sócio-culturais dos autóctones, que pode representar o retorno à cultura de um lugar sem características próprias, um “não lugar”, onde as noções tradicionais de cultura são descontextualizadas, simuladas, revistas e reestilizadas (FEATHERSTONE, 1995). Assim, a cidade é transformada em centro de consumo de “espetáculos” e a comunidade

passa por um processo de transformação nas estruturas e relações sociais, manifestadas pelos processos de acumulação de renda advindos do turismo.

Perante as colocações, observa-se que a atividade turística, em razão da presença dos turistas, contribui para a aceleração das transformações culturais, mas se deve também destacar que pelo seu caráter dinâmico. Portanto, para se conduzir uma interação responsável entre turistas e comunidade autóctone, faz-se necessário um planejamento participativo entre todos os “atores” envolvidos no fenômeno turístico, buscando o resgate e sustentabilidade dos valores sócio-culturais da comunidade.

3. Valença: História e Memória e Planejamento Turístico

O plano turístico do Estado da Bahia designou algumas áreas consideradas prioritárias para o desenvolvimento turístico e, entre estas, encontra-se a “Costa do Dendê”, que tem como pólo principal o município de Valença. No local têm sido disponibilizados recursos para estabelecimento de infra-estrutura de responsabilidade das diferentes esferas governamentais, bem como incentivos fiscais e creditícios para estímulo da iniciativa privada. Esse esforço para a dinamização do setor turístico nem sempre contou com a participação da população, tanto na configuração dos equipamentos instalados como na criação de produtos turísticos e nos frutos dessa dinâmica.

O município de Valença, área de estudo do presente trabalho, está localizado no Baixo-Sul do Estado da Bahia, na qual se encontra a “Costa do Dendê”, que abrange os municípios litorâneos de Valença a Maraú. Está situado entre as áreas mais dinâmicas do Estado da Bahia - Salvador e a região cacauzeira (“Costa do Cacau”) - ocupando 1.294 km² de superfície.

O município possui ruas muito estreitas e longas conservando calçamento com pedras irregulares. Nesse sítio destaca-se a colina onde está edificada a igreja de Nossa Senhora do Amparo (onde o município começou a ser habitado), onde há a vista panorâmica de todo o município. Destaque para o prédio da Câmara de Vereadores, a antiga residência do Comendador Madureira e as igrejas Nossa Senhora do Amparo e Matriz do Sagrado Coração de Jesus, reduto de imagens sacras dos séculos XVIII e XIX.

Tem geografia privilegiada, possui relevo acentuado na direção oeste, com as Serras do Julião e Tesouras; sendo o ponto culminante do Município, a Serra de Abiá, com 1.300 metros de altitude. Ao Norte, encontram-se terrenos baixos e alagadiços e ao Sul há formação de mangues. Os rios Una, formado pelo rio Braço e Piau, o Geraba, o

Pitanga, o Patatipe, o Mapendipe e o Galés, ou do Engenho, são dentre outros, importantes cursos d'água que banham o município. Encontram-se, ainda, as lagoas Dourada, São Fidélis e Derradeiras e onze cachoeiras.

Além da capital do Estado, comunica-se com Santo Antônio de Jesus como centro de convergência e serviços para o município, que administrativamente, além da Sede, é composta por distritos, povoados, vilas e inúmeras localidades rurais. De acordo com dados históricos, o município de Valença, na época do descobrimento do Brasil, era habitado por indígenas tupiniquins, de índole pacífica. Em 1534, quando D. João III, Rei de Portugal, dividiu o Brasil em Capitanias Hereditárias, a cidade foi designada como pertencente à capitania de Ilhéus, sob a jurisdição da Vila de Nossa Senhora do Rosário de Cairú, lugar onde se fez o primeiro povoamento.²

Após uma série de tentativas de invasões de colonizadores holandeses, espanhóis e principalmente portugueses, a cidade finalmente conseguiu formar sua própria população. Segundo historiadores locais, o primeiro povoado próprio da cidade formou-se em volta da igreja do Amparo, que tem características barrocas e é uma imitação da famosa igreja do Bomfim, na capital do Estado. A denominação Valença foi atribuída, de acordo com o dito popular, por estes novos moradores, para os quais a localidade representava a solução para os seus problemas, a Terra da Valença, a Terra da Salvação. Uma outra tese confere a opção deste nome ao conselheiro Baltazar da Silva Lisboa que na intenção de homenagear ao ministro Marques de Valença, elevou o povoado à categoria de vila, em 10 de junho de 1789, dando-lhe o título de Nova Valença.

Historicamente, foi o primeiro município brasileiro a receber uma tecelagem movida a energia hidráulica (suas ruínas podem ser visitadas às margens do Rio Una).

Economicamente importante para a região durante o passado, o município preserva construções dos séculos XVIII e XIX no seu centro. A maioria ainda abriga órgãos públicos e pode ser visitada por dentro.

A economia do município obedecia ao ciclo econômico da capitania de Ilhéus. Desenvolveu o cultivo do pau-brasil, cana-de-açúcar, arroz, mandioca. Este último produto, segundo Galvão (2006, p. 126) era indubitavelmente o principal produto da região, “já que os índios da nação tupi tinham esse tubérculo como alimento básico. Mais tarde se cultivou ainda café, cacau, além do dendê, da piaçava e do côco-da-praia” (op. cit. p. 126). Dentre as atividades extrativas registra-se o cultivo da piaçava, que até

² Disponível em <http://www.cmvalenca.ba.gov.br/memorial.asp>. Acessado em Janeiro de 2007.

os dias atuais ainda é considerada uma atividade econômica de destaque. Registra-se também o cultivo do cravo da Índia e do dendê. Este último, segundo Galvão (2006),

Sobre esta palmeira africana, que foi introduzida aqui pelos portugueses, tão associada à nossa cultura, que até hoje é vista como símbolo e sinônimo da Bahia, seria interessante se localizar o momento histórico em que o azeite extraído de sua polpa começou a ter importância econômica, além da que lhe davam os escravos (GALVÃO, 2006, p.127).

O dendê exerce destaque não apenas na economia, mas também como atrativo turístico haja vista a Secretaria de Cultura e Turismo ter atribuído a esta parte da Costa, o nome do fruto. Ainda podem-se registrar o cultivo de guaraná em pó, a canela e a pesca. Porém, pesquisas realizadas sobre a economia de Valença apontavam o insucesso dos ciclos econômicos realizados na região.³

Segundo Oliveira (2006), mesmo tendo sido um dos pólos do nascimento da indústria têxtil do Brasil⁴, alguns autores acreditam que Valença chega ao século XXI com o turismo como única expectativa de subsistência econômica. Contudo, ainda de acordo com Oliveira (2006) essa atividade somente ganhará força se a mentalidade de parte das elites governantes abandonar velhos vícios predatórios, em particular aqueles que se referem à destruição sistemática da natureza, compreendendo por tal a criminoso poluição do rio Una; a destruição dos manguezais, ocasionada por instalação de palafitas, recolhimento deficiente do lixo, a prática da pesca predatória, principalmente em relação ao turismo cultural,

“Há que se lutar pela conservação do que ainda resta de casarões históricos e do seu patrimônio paisagístico. Se estas medidas não forem tomadas a sério, até o turismo estará destinada ao fracasso” (op. Cit. p. 131).

Como se pode ver, esta cidade apresenta uma série de produtos turísticos. E não apenas relacionados ao seu patrimônio cultural. A Praia do Guaibim, a Praia da Ponta do Curral, o Parque Ecológico do Candengo, a Cachoeira Água Branca, Cachoeira do Sapuraí, Serra do Abiá, Serra do Frio, Rio Una, Ilha do Conde e as Sete Cachoeirinhas do Patatipe; a rede Hoteleira, a Festa de São Pedro, são exemplos do que a cidade dispõe. Além disso, abriga uma série de restaurantes de comida típica, além de ser nacionalmente conhecida como a capital do Camarão. A Secretaria de Cultura, Indústria e Turismo (PLANO EMERGENCIAL DE TURISMO DE VALENÇA, 2006) não tem elencados todos os produtos e serviços turísticos que a cidade oferece, mas divulga que tem Turismo Religioso, de Sol e Praia, Cultural, Turismo de Eventos, Turismo

³ De acordo com Oliveira (2006, p. 129) “... em qualquer pesquisa sobre a economia de Valença, esbarramos sempre em uma sucessão de ciclos regionais de fracassos na agricultura, dando a impressão que se tentou de um tudo, porém nada deu realmente certo.”

⁴ Valença abriga a Fábrica Têxtil de Valença, que é a mais antiga em atividade no Brasil.

Gastronômico e Ecoturismo, além dos demais produtos que já foram citados. A Secretaria ainda apresenta a cidade com potencial para Turismo Náutico (pela presença de dois portos na cidade), Turismo Rural (já existe um hotel-fazenda e uma grande área propícia para o desenvolvimento de tal atividade), Turismo de Negócios (dispõe de rede hoteleira, serviços de transporte – portos, rodoviário e aeroporto) - e Turismo de Aventura.

Conforme já fora citado em linhas anteriores, fez parte da metodologia de realização deste trabalho, pesquisas em dados secundários sobre o planejamento turístico do município e entrevista com os membros da Secretaria do Turismo de Valença. Foram realizadas duas entrevistas com a Secretaria de Turismo (SECTUR). A primeira foi realizada no ano de 2006, quando os gestores ainda contavam com a realização de um Planejamento Emergencial de Turismo, que seria executado entre os meses de Março de 2006 a Março de 2007. Este projeto contemplava as ações consideradas prioritárias e emergenciais pela Secretaria, objetivando colocar a cidade em um melhor patamar dentro da zona turística da Costa do Dendê. Este plano era justificado na afirmação que cidade boa para receber o visitante é aquela que é boa para viver. Dentro deste projeto, apenas a justificativa faz alusão, indiretamente, à população residente e à sua identidade com o turismo. Baseado nos quatro vértices do desenvolvimento sustentável (econômico, social, cultural e ecológico) e na inter-relação do mercado e todo o sistema turístico, os atuais gestores do turismo no município defendiam que se a cidade é boa para o seu morador, será boa para o visitante.

Dentre as ações propostas pela SECTUR havia a inclusão da cidade no Projeto Domingueiras⁵, a elaboração de um Calendário Anual de Eventos, o fechamento de parcerias interinstitucionais (Associação Brasileira de Agências de Viagem, Associação Brasileira da Indústria Hoteleira, Convention Bureau – BA entre outras entidades) para o fomento da atividade turística no município, a participação em feiras e exposições, a implantação de novos postos de informações turísticas em parceria com a Bahiatursa, a inibição da atuação dos condutores do turismo, além de outros.

Dentre as demais ações que foram propostas e/ou executadas pela SECTUR pode-se destacar que esta Secretaria estava acompanhando o projeto de Plano de Fortalecimento Municipal da Gestão do Turismo e do Patrimônio Natural e Cultural –

⁵ Projeto com apoio da Coelba e da Ebal através do Programa Faz Cultura do Governo do Estado da Bahia que tem como principal marca a pluralidade cultural.

PMGT, através do Programa de Desenvolvimento do Turismo II e estava tentando definir a identidade do município através do projeto de Desing Urbano⁶.

Esta identidade, diferente da citada outrora se refere à sinalização urbana e turística, não aos processos de identificação do indivíduo com a cidade a qual ele reside. Também não foram relatadas no plano de Valença quaisquer ações referentes á sensibilização dos autóctones para a importância do turismo.

Como se pode ver, naquela época o Planejamento Turístico do município em questão englobava questões de organização do turismo. Ainda estava insipiente em relação às aspirações da sua população autóctone, haja vista ter problemas estruturais, como por exemplo, não possuir um Calendário Anual de Eventos ou Leis de Proteção do Patrimônio Histórico-Arquitetônico-Cultural (a Lei de Tombamento ainda está sendo fomentada pelo Plano Emergencial).

Na segunda entrevista, realizada no ano de 2007, a SECTUR apresentou um Plano de Ação com vigência de dois anos (2007-2008). Tal plano pretendia através de um diagnóstico situacional aproximar a visão do planejamento às visões das comunidades e mercados. Foram analisadas as dimensões organizacionais, operacionais e da sustentabilidade e dentre elas, destaca-se a dimensão da sustentabilidade, onde a um dos objetivos seria o maior envolvimento e participação das comunidades nos projetos municipais.

Percebe-se que houve uma evolução em relação ao Planejamento Emergencial, pois já havia sido realizada uma pesquisa com os empresários hoteleiros de Valença e Guaibim, buscando analisar a situação deles no mercado, saber o que eles esperam dos gestores municipais e quais as suas sugestões em relação ao planejamento turístico do município.

Um outro dado relevante em relação ao plano é a parceria estabelecida entre os gestores municipais com o Estado. De acordo com a entrevista, todas as ações realizadas na prefeitura têm o respaldo da Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia e do Governo Federal. Na cultura pôde-se verificar a realização de Encontro de Revitalização do Patrimônio Histórico-Cultural de Valença e a realização de um Projeto de Lei sobre proteção e preservação do Patrimônio Histórico-Cultural, Ambiental-Natural, Paisagístico e Arquitetônico do Município. Não foram encontrados dados referentes ao resgates das manifestações culturais e artísticas do município. Segundo os

⁶ O Projeto de Desing Urbano é realizado pelo Sebrae- Ba e visa oferecer identidade visual e cultural para o município.

representantes da Secretaria de Turismo, há um projeto que objetiva inventariar tais manifestações, contudo não há um prazo determinado para a sua execução.

4. Considerações Finais

O turismo é uma atividade, que quando bem planejada, traz muitos benefícios para as comunidades que o praticam. Atualmente, os planos, programas e projetos que vêm sendo desenvolvidos pelo Ministério do Turismo e Secretaria de Cultura e Turismo têm como um dos seus principais objetivos a participação popular. Dentro deste conceito de participação, a memória, a identidade apresentam-se como vértices para a formatação do planejamento. O planejamento turístico do município de Valença ainda privilegia questões de cunho emergencial pois objetiva recolocar a cidade em um melhor patamar dentro da zona Turística da Costa do Dendê. Valença hoje, é um corredor e não um pólo receptor de turismo.

A identidade turística do município é a marca que ela mostra para fixar as características especiais de seus potenciais na área do turismo. Tradicionalmente, essa identidade tem sido apresentada através das belezas naturais e recursos de valor histórico e cultural, que de qualquer maneira, devem se remeter á memória da população e á história, conhecida através de historiadores locais ou moradores antigos da cidade. Porém, um estado como a Bahia, que é internacionalmente conhecido como a *Terra da Felicidade*⁷, onde seus habitantes são alegres e receptivos, não pode deixar de considerar a população como um dos fatores de atratividade turística.

Com o município em estudo não poderia ser diferente. Como já foi citado, o autóctone é um símbolo do local o qual reside. Através dele os visitantes percebem o comportamento social da cidade que visita. Em Valença não deveria ser diferente. Porém, como se pode ver, a cidade ainda trabalha em ações de cunho de reestruturação do sistema turístico, que ainda não contempla ações de envolvimento da população com o desenvolvimento do turismo.

Serão necessárias ações de sensibilização, tanto em relação à importância da atividade turística para o município, como em relação à importância da participação e identificação e memória da população neste contexto para que a sua população acredite no turismo e, quem sabe, ele desponte como uma das principais atividades econômicas do município.

⁷ Grifo da autora

Não se deve esquecer que a atividade turística está centrada em homens que estão inseridos em um meio físico, dentro de três temas centrais: a cultura, o turismo e a identidade. Não há sucesso pleno do turismo sem a identificação da população local com a atividade. E este sucesso está embasado no que o turismo tem de melhor para oferecer à sociedade no seu no espaço sócio-econômico-cultural e no espaço ambiental, ou seja, na conjugação de todos estes fatores.

Referências

- CANCLINI, Néstor Garcia. (2000), *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 3. ed, São Paulo, Edusp.
- CASTELLS, Manuel. (2002), *O poder da identidade*. v.3, São Paulo, Paz e Terra.
- DE DECCA, Edgar Salvadore. (1992), *Memória e cidadania*. Em: O direito à memória, patrimônio histórico e cidadania. São Paulo, DPH.
- FEATHERSTONE, Mike. (1995), *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo, Studio Nobel.
- GALLERO, A. L. (2004), “O lugar e o não-lugar no turismo”, in: MOESH, M. M; GASTAL, S. *Um outro turismo é possível*. São Paulo, Contento.
- GALVÃO, Arakem. (2006), “Capítulo conclusivo”, in: OLIVEIRA, Edgard Otacílio da Silva. *Valença: dos primórdios à contemporaneidade*. Salvador, Secretaria da Cultura e Turismo.
- GEERTZ. Clifford. (1989), *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.
- GOMES, P. C. da C. (1995), “O conceito de região e sua discussão”, in: CASTRO, I.E. et al. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro/ Bertrand Brasil.
- HALL, S. (2000), *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A.
- MARTINS, Clerton (org.), (2003), *Turismo, Cultura e Identidade*. São Paulo/ Roca.
- MENEZES, Ulpiano (1996), “Os “usos” culturais da cultura”, in: YÁZIGI, Eduardo. *Turismo: espaço, paisagem e cultura. Contribuições para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais*. 2ª ed, São Paulo/ Hicitec.
- NORA, Pierre. (1993), *Entre memória e história – a problemática dos lugares*. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História; Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo.
- OLIVEIRA, Paulo César Miguez de. (2002), *A organização da Cultura na cidade da Bahia*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia.
- OLIVEIRA, Silmara Santos. (2005), *Uma interpretação cultural para o turismo: Patrimônio Adoniano*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Santa Cruz.
- OLIVEIRA, Edgard Otacílio da Silva. (2006), *Valença: dos primórdios à contemporaneidade*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo.
- POLLAK, Michael. (1989), *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº. 3.
- SANTOS, José Luiz. (1996), *O que é cultura*. 15 ed, São Paulo, Brasiliense.
- SECRETARIA DE CULTURA INDÚSTRIA E TURISMO DE VALENÇA (2007), *Plano de Ação 2007-2008*. Valença.

- _____. (2006) , *Plano Emergencial de Turismo de Valença*. Valença.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. (2006), “A produção social da identidade e da diferença”, in: _____, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro.
- WARNIER, J. P. (2000), *A mundialização da cultura*. Lisboa, Notícias.
- WILLIAMS, Raymond. (1992), *Cultura*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- WOODWARD, Kathryn. (2006), “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”, in: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro.

